

A Orientação Educacional: e a importância da afetividade na aquisição de conhecimentos e no contexto escolar

Vanessa de Faria Ferreira Huerta ¹

Resumo:

Este trabalho tem como finalidade analisar a importância do relacionamento afetivo entre professor/aluno e família/aluno, e como o Orientador pode intervir levando em conta que esse fator é de grande influência na aprendizagem da criança. O professor precisa ter respaldo em relação às atitudes tomadas em sala de aula. Manter-se indiferente ou expressar raiva em relação aos alunos são atitudes que podem causar reações recíprocas neles. Isso gera um ambiente conflituoso que dificultará no processo de ensino-aprendizagem. Se o professor agir de forma que expresse o seu interesse pelo desenvolvimento do estudante, criará um ambiente mais agradável para a aprendizagem podendo ser auxiliado pelo Orientador Educacional. As relações afetivas não podem ser ignoradas, pois estão presentes no desenvolvimento. Fazem parte da natureza humana e podem interferir de forma negativa ou positiva no processo de aprendizagem. No que se refere à afetividade familiar, essa está mais relacionada à criança, porque se não existir aspectos afetivos no ambiente familiar a criança chega à escola estressada, irritada, fechada evitando que o professor faça qualquer tipo de aproximação ou tente trabalhar algum conteúdo. A escola muitas vezes ignora esta questão, preocupando-se apenas com os conteúdos, técnicas ou até mesmo em cumprir a carga horária da escola, esquecendo-se dos aspectos afetivos e cognitivos. Precisa-se levar em conta as relações conflituosas inerentes ao cotidiano de uma criança, as famílias cada vez mais desestruturadas, onde o egoísmo, a violência e a mesquinhez tem forte presença nas relações sociais, ocasionando baixo autoestima e em consequência disso surge o baixo rendimento escolar. Então, pressupõe-se que o relacionamento afetivo é nada mais que respeito pelas ideias e opiniões do outro, dedicação, troca, vontade de tornar a aprendizagem mais agradável e produtiva.

Palavra chave: Afetividade, Aprendizagem, desenvolvimento, construção de um sujeito melhor.

INTRODUÇÃO:

As discussões científicas a respeito da importância da afetividade no ambiente escolar vêm nestes últimos anos ganhando notoriedade nos ciclos de debate, tanto informal como formal para assuntos ou problemas de cunho escolar. Com isso, percebe-se que o papel da escola vem sendo alterado ao longo dos anos. Atualmente uma das principais funções da escola é ensinar a criança a ler e escrever esquecendo-se que existem meios que podem proporcionar a aprendizagem significativa. Surge daí o interesse em estudar, pesquisar e socializar o conhecimento na área de educação, especificamente, envolvendo o professor que

deve estar capacitado para atender seus discentes, tendo em vista que este profissional é a pessoa que despertará o interesse do aluno para o conhecimento historicamente construído ao longo dos séculos e proporcionar um ambiente educacional favorável. Para essa tarefa, faz-se imprescindível a articulação pedagógica de toda a comunidade escolar.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem e levar ao conhecimento da comunidade escolar e interessados a potencialidade de tal aspecto, inerente às relações interpessoais, para o desenvolvimento dos estudantes.

Conceito

Segundo o dicionário, afetividade está relacionada à afeto, afeição carinhosa. Conceitualmente a afetividade deve ser distinguida de manifestações, diferenciando-se do sentimento, da emoção e da paixão. A afetividade é um termo utilizado para se identificar as diferentes manifestações que surgem. Embora sejam confundidas, essas formas de expressão tornam-se diferentes sendo reações instantâneas e momentâneas que se diferenciam em alegria, tristeza, impulso violento e até medo. Já o sentimento e a paixão são manifestações afetivas em que a representação se torna uniforme a ação. Ambos pertencem ao pensamento humano mais duradouro, mas ambos não se confundem entre si.

Nesse sentido abrangente, a afetividade está relacionada ao estado emocional de uma pessoa podendo ter dois estados: bem-estar ou mal-estar, se desenvolve possibilitando a identificação em duas etapas sendo que a primeira de base mais orgânica e a outra com base mais social.

A etapa orgânica refere-se aos motivos que provocam o bem-estar e o mal-estar que são limitados às sensibilidades intero, próprio e extero que é a chamada sensibilidade ao outro. A afetividade social evolui para uma ordem moral e seus motivos são originados das relações entre indivíduo e outras pessoas, sejam em relações pessoais ou sociais. Fazendo-se uma análise podemos identificar cada estágio e as manifestações afetivas predominantes.

O estágio impulsivo é marcado pelas expressões e reações generalizadas e indiferentes do bem-estar e do mal-estar. O estágio emocional causa reações de medo, cólera, alegria e tristeza. No estágio personalista, adolescência e a

puberdade evidenciam-se reações de sentimentos passionais. Assim podemos afirmar a existência de manifestações afetivas anteriores ao aparecimento das emoções, com influência do meio onde vive, manifestações orgânicas transformam-se em expressões que podem ser diferenciadas.

De todas as manifestações afetivas, a emoção é a mais explorada por Wallon. Segundo o autor:

A vida afetiva de uma criança se inaugura por meio de uma simbiose alimentar, é logo substituída por uma simbiose emocional com o meio social. (Wallon, PUF 1983, p.).

Para ele a emoção é uma forma de manifestar a afetividade, que evolui como as demais manifestações sob o impacto das condições sociais. As formas de expressões tornam-se cada vez mais socializada podendo reprimir as expressões emocionais perdendo a autenticidade. O referido autor afirma que na história humana a emoção foi responsável pela agregação dos indivíduos:

Baseiam-se as experiências gregárias que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade” (Wallon, 1994, p.127).

A emoção revela um elo entre o individuo e o ambiente Esses laços se iniciam nos primeiros dias de vida e se fortalecem a partir das emoções.

No decorrer do desenvolvimento, a criança estabelece diferentes níveis de relações sociais, e estas interferem no campo afetivo, no íntimo dessas relações vão sendo despertados sentimentos e paixões afetivas que parecem estar diretamente relacionada a outro individuo. É de se notar que ao mesmo tempo em que ambos estão presentes na unidade de desenvolvimento, frequentemente somos surpreendidos por surtos emotivos que nos deixam incapazes de perceber a situação à nossa volta de modo a agirmos de maneira impulsiva, prevalecendo os surtos emocionais.

Percebe-se que a afetividade ainda é um campo aberto para investigação, portanto é fundamental se trabalhar os aspectos afetivos no processo de ensino-aprendizagem, procurando compreender que a criança é diferente em cada fase do seu desenvolvimento, não se ensina as regras de comportamento sem proporcionar

situações de interação, isso pode acabar atrapalhando a aquisição do pleno desenvolvimento.

Desenvolvimento Afetivo

Baseando-se nas teses de Piaget é que se iniciam as referencias do presente trabalho, falando dos aspectos afetivos e das reações sensório-motoras.

O aspecto cognitivo de conduta consiste em uma estruturação. E o aspecto afetivo consiste na capacidade de produzir algo. Conforme o autor, estes dois aspectos são ao mesmo tempo irreduzíveis, indissociáveis e complementares.

O desenvolvimento do conhecimento passa por um estágio inicial centrado na ação própria para a construção de um universo objetivo e descentrado. A afetividade procede de uma não-diferenciação entre o eu e o meio ambiente físico e humano para construir.

Piaget distingue os níveis de desenvolvimento como:

- Dualismo inicial: Nenhuma consciência do eu, ou seja, nenhuma fronteira entre o mundo interior, entre o mundo vivido ou entre o conjunto de realidades externas.

Portanto a afetividade esta centrada no corpo e na própria ação, uma vez que somente uma dissociação do eu e do outro ou do não-eu permite a descentração afetiva e cognitiva.

- Reações intermediárias: em função da complexidade crescente das condutas, há uma multiplicação de satisfação psicológica, vindo a se juntar com satisfação orgânica. Observa-se estado nervoso na presença do desconhecido cada vez diferenciados do conhecido, promove inquietude na presença de pessoas estranhas, reações de estranheza em certas situações, sendo que, esta tolerância aumenta o conflito e produz um contexto de contatos agradáveis. O contato com as pessoas torna-se cada vez mais importante anunciando uma passagem para à comunicação.

Dessa forma, a criança começa a reagir de modo cada vez mais específico porque o ser humano em si já age de modo diferente e as coisas agem conforme os esquemas colocados em relação a própria ação. Entretanto, é essencial compreender que o conjunto desses progressos afetivos é solidário a estruturação geral das condutas.

As relações Objetais pressupõe, a priori, relação, muito embora seja frequentemente reduzido ao termo em si mesmo, sendo ampla sua conceituação, atualmente a ênfase tem estado na melhoria da qualidade das relações. Alguns autores fazem uma revisão sobre o conceito de relação de objeto, falando da importância de estudar o modo como os sujeitos se relacionam com o mundo externo através de suas características internas. As primeiras relações estabelecidas com objetos se dão no nível corporal (alimentação, cuidados, o toque na pele do bebê, reconhecimento do ambiente, e assim por diante). A criança pequena inicialmente faz o reconhecimento de seu mundo através do corpo, construindo a partir dele seu mundo interno em relação com o mundo e os objetos externos, posteriormente internalizados. O autor conclui que os problemas a serem compreendidos são as razões pelas quais essa descentração da afetividade sobre a pessoa do outro, sendo ao mesmo tempo distinta e semelhante ao eu.

Para Piaget a uma diferença radical entre as operações afetivas e as intelectuais, que é dada pelo fato de que os sistemas de valores, em contraste com as relações físicas, então relacionados com a imposição cultural e contextual, não sendo universais. Segundo o autor, há um desenvolvimento de afetos normativos durante o qual a criança atinge, progressivamente, uma competência cada vez maior em subordinar, sua experiência afetiva ao sistema operacional de valores permanentes que rege as obrigações interpessoais e os imperativos morais. Piaget descreve essa afetividade em quatro fases.

- **Período sensório-motor:** Inicia-se com o nascimento e vai até o período de aquisição da linguagem. Fase de diferenciação, início progressivo da competência em subordinar as experiências afetivas pessoais. Resume sua conduta a coordenações sensoriais e motoras, mecanismos hereditários, instintos e primeiras emoções. É o período de assimilação motora, surge à inteligência sensório-motora ou inteligência prática.

- **Período pré-operacional.** A afetividade é dominada pelo desejo subjetivo na ausência da descentração, os conflitos associados com esse período são conflitos de desejo imediato. Isso é observável facilmente em situações de brincadeiras entre as crianças. O surgimento da capacidade de dominar a linguagem e a representação do mundo por meio de símbolos. Marcado pelo egocentrismo, dificuldade de considerar pontos de vista que não sejam seus. Modifica bastante seu comportamento, onde a inteligência sensório-motora transforma-se em pensamento, graças à linguagem e a socialização.
- **Período operatório concretas:** A afetividade começa a se organizar num sistema de valores coordenados e reversíveis, que se evidenciam na expressão de sentimento intra e interpessoais traduzidos na influencia das sociedades. Surgem os princípios de conservação e noção de permanência, habilidade de discriminar similaridade e diferenças. Domina conceitos de tempo e número. Presença de sentimento de justiça e a socialização é favorecida devido à compreensão de regras.
- **Período operacional formal:** Idealização coletiva de valores na direção da realidade proposicional e pela influencia real dos outros. Surgindo pensamento abstrato, as operações aplicam-se às hipóteses, tornando-se independentes das situações concretas. Torna-se possível a construção de reflexos e teorias.

A tese que fundamenta a postura de Piaget é aquela que rejeita o dualismo entre a inteligência e afetividade. Piaget analisa as implicações, para o processo de ensino aprendizagem, que decorrem das teses por ele defendidas. De modo geral ele questiona os métodos tradicionais de educação para defender o método ativo, que se baseia no fato de que a lógica não é inata, e sim construída, portanto a lógica da criança não é a mesma lógica do adulto. Partindo dessa questão Piaget defende os métodos novos, que deveriam constituir realmente a elaboração de uma psicologia sistemática da infância.

Impulsivo e Emocional

Segundo Wallon, o primeiro estágio de desenvolvimento da criança compreende o período que vai do nascimento até um ano de idade, esse período é composto pelo estágio impulsivo-emocional. Wallon descreve como predominância das relações emocionais com o ambiente e o desenvolvimento sensório-motor, é o período de construção do sujeito, onde atividades cognitivas e afetivas se misturam.

Segundo Wallon, “é somente por meio de complexos exercícios de relação e interação, de momentos de espera ansiosa e respostas a suas necessidades, da alternância entre autor em relação ao outro e objetos por parte do outro, que a criança irá se diferenciando paulatinamente de seu meio e constituindo seu eu diferenciado do outro.”

A criança inicia a vida em total dependência ao meio externo. Incapaz de resolver suas próprias necessidades para sobrevivência necessita de ajuda do meio social para interpretar, dar significado e trazer respostas a elas. As reações de bem estar e mal estar serão descargas motoras indiferenciadas, tais manifestações serão refletidas nos adultos que a cercam, reações de cunho afetivo e de natureza emocional.

Recebendo o significado e as respostas a suas necessidades é que a criança inicia sua vida imersa no mundo social, estado de verdadeira aprofundação ao meio social sem delimitação entre o eu e o outro. Somente por meio de complexos exercícios de relação e interação que a criança irá diferenciando pouco a pouco seu meio e construindo seu eu diferenciado do outro.

A criança apresenta uma dualidade interna de forma complementar e oposto, busca a afirmação de sua identidade. É nesse sentido que Wallon considera o homem um ser intimamente e essencialmente social (...) *É social não em virtude de contingências exteriores, mas em consequência de uma necessidade íntima. Ele o é geneticamente* (Wallon, 1975 p. 159).

A criança nessa fase esta voltada para a construção do seu eu, fase de predomínio afetivo, acúmulo de energia.

Impulsividade motora

O processo de impulsividade motora se inicia com o nascimento e dura aproximadamente 3 meses, nas primeiras semanas a criança esta monopolizada

pelas necessidades primárias fisiológicas, tais necessidades não serão mais atendidas como no período fetal, esse desconforto gerado nas primeiras semanas irá provocar descargas motoras, que são movimentos reflexos, impulsivos, descontínuo, que não tem outra utilidade a não ser a de obter diminuição desse estado de tensão, é a manifestação de impulsividade motora pura.

A impulsividade motora é um recurso ainda reflexo, característico desse período de contato inicial com a realidade.

Sensibilidade interna

A atividade da criança está voltada essencialmente para as sensações internas, em princípios viscerais e musculares e depois afetivas.

A sensibilidade interoceptiva reúne os sinais dos órgãos internos, fazendo chegar ao cérebro as excitações que vêm das vísceras, sensações fortemente sentidas pela criança. Ex: Fome.

A sensibilidade proprioceptiva está relacionada aos movimentos e ao equilíbrio do corpo no espaço. Ela se difere da sensibilidade interoceptiva porque suas terminações sensitivas não se localizam nos órgãos e sim no aparelho muscular. A sensibilidade exteroceptiva distingue-se, esta relacionada ao conhecimento do mundo exterior é a ausência dos sistemas inibidores que segundo Wallon, representa o momento da impulsividade motora pura.

Simbiose Afetiva

Wallon denominou simbiose fisiológica e simbiose afetiva, situação em que representa total indiferenciação entre as diversas necessidades fisiológicas e as diferentes formas de satisfação. A criança não diferencia as sensações nem as formas de satisfação.

A partir dos impulsos e reações motoras, a criança estará comunicando seu desconforto ou as suas necessidades estabelecendo assim uma relação íntima com seus envolventes. Nesse momento apresenta-se a simbiose fisiológica uma verdadeira simbiose afetiva. Tal simbiose caracteriza-se pela indiferenciação suscita pela força e emoção.

Impulsividade Emocional

As transformações das descargas motoras expressam comunicação e caracterizam o estágio emocional. A impulsividade se traduz em sinais que estabelecem entre a criança e o adulto um circuito de trocas que acabam por construir reações em seu meio social. As intensidades dessas trocas criam um verdadeiro campo emocional, gestos e atitudes. As manifestações expressivas da criança compreendidas e atendidas pelo adulto passam a ser graduadas de tal maneira que todas as variedades essenciais da emoção podem ser discriminadas. É a primeira forma de sociabilidade.

A afetividade é inicialmente pura emoção, somática, epidérmica e depende inteiramente da presença e da resposta dos parceiros. É exatamente a ausência de instrumentos de conhecimentos de comunicação e de sobrevivência, com o forte poder de mobilizar o ambiente para atender as necessidades primordiais da criança. E dessa mistura afetiva entre a criança e seus envolventes que surge o início da vida psíquica, na qual vão se formando as primeiras imagens mentais e nas quais se imprimirão as primeiras marcas de sua individualidade.

No entanto, nesse estágio, os estímulos externos, auditivos e visuais, provocam respostas afetivas, de alegria de tristeza, surpresa ou medo. A presença da voz e os movimentos humanos são sempre mais estimulados para a criança que os objetos, e estes adquirem sempre mais interesse quando apresentados pelas pessoas.

Relação entre a emoção e o Tônus

Existe uma profunda relação entre a emoção e o tônus. Segundo Wallon, o tônus é considerado a fonte da emoção, uma vez que este tem como condição fundamental manifestações as variações do tônus, a emoção é regulada por ele e ao mesmo tempo o regula. As variações da emoção provocam mudança no tônus de tal forma que podemos dizer o que o tônus esculpe o corpo, dando-lhe um aspecto que é capaz de comunicar-se ao meio que tipo de emoção o sujeito está vivendo.

Podemos então considerar que a função tônica dá suporte a manifestação da emoção, o que estabelece entre elas uma relação completa.

Socialização

Piaget ocupa-se pouco da pedagogia e da aprendizagem e muito da socialização. Trata-se, sobretudo da educação moral e da educação para a cidadania, ambas na escola, acentuando a função prioritária não apenas na aquisição de um saber, nem mesmo na formação da inteligência, mas na educação da pessoa como um todo.

A criança como futuro adulto, o aluno como cidadão do amanhã. O meio mais seguro para melhorar a sociedade consiste em educar de modo diferente os homens e as mulheres que a constituirão.

O educador prende o educando, exigindo que o educando obedeça aos detentores da autoridade e desenvolva seu espírito crítico, que obedeça às normas de seu meio e ao mesmo tempo construa uma ética pessoal; sem perder sua identidade cultural e nacional defendendo o que é justo, sem negligenciar o caráter de cada indivíduo.

Primeiro afastamento familiar - A escola materna

Por volta dos 0-4 anos, geralmente por razões econômicas ou domésticas, a criança é enviada à creche ou a pré-escola, geralmente a mãe trabalha fora, ou vê-se totalmente distraída com outros tipos de ocupações.

Este acontecimento representa uma importante modificação na vida da criança, porque, vê alargar-se notavelmente o campo de suas experiências, agora o caminho da escola, as outras crianças, as outras casas, o mundo comercial, os meios de transporte e pessoas adultas torna-se novas experiências fascinantes e estimulantes, favorecidas ainda pelo fato de que nesta idade, a criança encontra-se numa fase de relativo equilíbrio, e suporta relativamente as primeiras separações, que é a separação da mãe e do lar. A vida na escola obriga a nenhum dever grave, mas coloca-a em contato com outras crianças da mesma idade que ela, entre as quais deverá aprender a viver.

Estas primeiras relações, ainda indecisas e incertas, são, contudo, importantes porque assim a criança se prepara, desde a mais tenra idade, a viver em sociedade e dar-se conta da diversidade de opiniões e pontos de vista.

Origina-se, pois a possibilidade, para a criança normal, de aprender um pouco, que significa estabelecer um compromisso entre indivíduos, o adestramento inicia-se desde a creche ou pré-escola. Nesta idade os conflitos são menos evidentes do que os que irão surgir durante o período das escolas elementares. Acontece porque a criança possui ainda um mundo afetivo acentuadamente mais restrito: vivendo muito entusiasmado com seus novos afazeres, a possibilidade de choques com as outras crianças são mínimas, se é que existem. Mais tarde, os seus motivos se ampliam, as suas ambições e os seus desejos se enriquecem, em decorrência as ocasiões de atritos com a sociedade se tornarão mais numerosos.

Em decorrência a sensibilidade afetiva da criança, que ainda é um pouco individualizada, tem a assistente da escola que lhe fornece alimento e distração, e lhe dedica sua própria afeição, podendo substituir a mãe durante as horas do dia, ao final do período a criança se reencontra sua verdadeira mãe ficando extremamente contente.

As escolas elementares

O ingresso nas escolas elementares representa um problema de adaptação mais sério, isto é, não só por causa da situação afetiva, mas também por causa dos diversos compromissos que a escola impõe.

A disciplina escolar exige afetivamente que ela exerça sobre si o mesmo controle, que antes jamais lhe fora exigido: há de ficar sentada no banco da classe por certo tempo, aplicar-se-ão exercícios de escrita e leitura, uma palavra deverá exercitar de modo orgânico e ordenado, as suas faculdades sensoriais, motoras e psíquicas, ora, tudo isso significa para a criança uma fadiga análoga aquela que ela teve que experimentar para adquirir hábitos higiênicos.

Trata-se de uma experiência totalmente nova e que a criança deverá viver longe dos olhares da mãe, a criança deverá adaptar-se a uma norma coletiva de ação, que ela, por sua vez aceitará por causa de instintivo, por causa do natural respeito pela pessoa adulta ou até mesmo por amor aos seus pais, ocorre também em algumas vezes a afeição para com a educadora.

É muito importante que os motivos citados acima existam e atuem a fim de facilitar o máximo a ambientação escolar da criança. Essa ambientação geralmente é muito difícil nos primeiros meses de vida escolar. A cada novo ano afetivamente

apresenta novas dificuldades, não só porque os programas tornam anualmente mais difíceis, mas também porque o desenvolvimento intelectual da criança corresponde a um desenvolvimento das suas motivações.

Se a educadora não conseguir encontrar iniciativas para desenvolver este motivo de emulação, o motivo da cooperação será muito fácil que o primeiro se torne o único motivo e fonte de atividade da criança, e assim lança-se as bases a um futuro para obter bom êxito acentuadamente egoísta e indiferente às necessidades da coletividade.

Esse ponto é muito importante, pois nem sempre os pais como também nem todos os educadores, estão de acordo em considerar a emulação como uma transição pura no desenvolvimento afetivo. A criança deve aprender a compartilhar o amor da mãe, amor que possui nela um caráter ciumento e egoísta, com o pai e com os irmãos irradiando assim todas as suas possibilidades de afeto. É evidente que o amor da mãe, em si mesmo pode se tornar um momento negativo quando permanece exclusivo, ao contrario será positivamente integrado em um motivo superior quando a criança alcança a irradiar mesmo que fosse com algum sacrifício, e em decorrência aos motivos e ações próprias surgem à consideração com os outros membros da família.

É necessário que apresente a criança a nova situação ambivalente em que ela acaba de pôr-se. Todos os conflitos procedentes eram mais evidentes, a desmama, a aquisição de hábitos higiênicos, a presença do pai, o nascimento de novos irmãos são outras tantas etapas em que a criança é posta.

Apesar de tudo, o período escolar é comumente considerado, sob o ponto de vista afetivo, um período de relativa tranquilidade. Portanto, os problemas fundamentais desta fase se relacionam antes com o desenvolvimento intelectual e com a adaptação social.

Considerações Finais

Muitos pais acreditam que a criança deve aprender a partir do bom senso e da intuição. Não entendem que uma pessoa se constrói à medida que vive e convive em seu meio. Uma criança não nasce com hábitos. A criança começa a ser o que é a partir de suas vivências. Como queremos que as crianças aprendam a comportar-

se adequadamente se os adultos com os quais ela convive não ~~de~~ apresentam o modelo que represente relações interpessoais respeitadas.

Ao não ser orientada, ouvida, atendida e entendida e, ainda por cima, recebendo constantes informações de que ela é mal criada, desobediente e difícil, a criança tem toda a possibilidade de tornar-se tudo o que foi sugestionado para ela.

A construção do sujeito acontecerá a partir da qualidade da vida afetiva que está disponível ao longo dos primeiros anos de vida. Vale afirmar que a partir da intensidade de relação afetiva entorno da criança será o propulsor das aprendizagens, ou não aprendizagens, produzidas por ela. Apesar disso, só mais recentemente é que a escola e os familiares têm objetivado entender a vida afetiva e refletir sobre o ato de aprender e de ensinar. Educar é um ato de amor, de dedicação, que requer tempo e disponibilidade. Não se nasce sabendo e para saber é preciso que alguém se disponha a mediar o conhecimento da situação que a criança está vivendo despertando na criança o desejo de se aprender.

“Ensinar faz o mestre rever seus próprios conhecimentos com possibilidades de atualizá-los. Os sentimentos de gratidão, admiração e respeito do aprendiz alimentam a alma do mestre. Portanto, ensinar é também trocar” (TIBA, 1996, p.142).

Ao mediador cabe integrar razão e emoção. De modo que todo indivíduo tenha condições de usar tanto a razão quanto os sentimentos, e aprenda a conhecer-se a si mesmo e a seus semelhantes. Portanto ao professor o papel de tornar a aprendizagem mais agradável e menos dolorosa.

Referências:

MAGISTRETTI, França. **O mundo afetivo da criança**. São Paulo. Editora. Flamboyant. (1963).

WALLON, Henri . **As Origens do Carácter da Criança**, P.U.F. (1983)

FÁVERO, Maria Helena. **Psicologia e Conhecimento**: Subsídios da psicologia do desenvolvimento para análise de ensinar e aprender. Editora UNB, 2005.

PIAGET, Jean (1977). **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou

PIAGET, Jean (1998). **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

PIAGET, Jean (1990). **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes.

PIAGET, Jean(1970). **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar.

WALLON, Henri. **Psicologia e Educação**, Edições Loyola, São Paulo, Brasil. 2000.

Henri Wallon: **Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. 4ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1995.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996.